

Reformas deverão ser contínuas

por Maria Helena Tachinardi
de Brasília

O presidente eleito, Fernando Henrique Cardoso, encerrou o seminário "O Brasil e as tendências econômicas e políticas contemporâneas", dizendo que na área econômica "hoje sabemos as opções e os riscos e não há desculpas para se fazer grandes erros". Depois de ouvir seus colegas pensadores, que trouxeram a Brasília o que há de mais recente em matéria de teorias econômicas, sociológicas e políticas, Cardoso concordou com todos dizendo que o grande desafio é a estabilidade com crescimento e equidade, e, repetindo o senador José Serra (PSDB-SP), comentou que as reformas serão contínuas nos seus quatro anos de governo.

"Estou impregnado por esta paixão pelo possível", disse, referindo-se à frase do intelectual Albert Hirschman. Resumindo o que ouviu, fez referência a Alain Touraine, que falou da participação da cidadania no Estado moderno, e a Juan Linz, professor da Univer-

sidade de Yale (EUA), para quem "a população tem mais paciência na democracia do que nas ditaduras". Hoje ninguém espera milagres", afirmou Cardoso, referindo-se às últimas pesquisas de opinião no Brasil. "Hoje o horizonte é mais fácil do que foi há um tempo", acrescentou, recordando as dificuldades que enfrentou quando foi ministro da Fazenda. Disse ainda que "o fosso entre o governo e o povo reduziu-se sensivelmente. Preciso manter a simplicidade pessoal e a dignidade do cargo".

FALTA DE PRESSÃO

O presidente eleito falou sobre os "temores" que as pessoas tinham em relação às alianças políticas que fez na campanha eleitoral. "São infundados. Eu estou sentindo falta de pressão. Não é virtude minha. O País mudou. Os políticos são seres sensíveis, reagem às mudanças de cultura. A política é um processo de modificação, não é um processo de aferição do estado de alma de cada um", ensinou Cardoso, dizendo que fez apostas em termos pessoais, par-

tidários e nacionais. "Quando fui escolhido para ministro da Fazenda, os outros apostaram em mim. Não havia razão para acreditar que eu pudesse fazer algo", brincou. Sobre a aposta que fez como candidato à Presidência da República, comentou: "Ou fazia isso ou não havia estabilização. Os opositores tinham o coração bem posto, mas a razão perdida. Foi uma opção obrigatória. Agora, é determinação porque tenho o mandato".

O presidente eleito disse que o seu compromisso com a estabilidade e o crescimento com equidade poderia constituir-se no que chamou de o "acordo de Brasília", em sequência ao encontro de Ibiúna (município da Grande São Paulo onde tem uma chácara e onde há muitos anos se reuniu com colegas sociólogos e economistas para discutir políticas de estabilização em contextos autoritários) e depois do chamado Consenso de Washington, que reafirmou a necessidade de políticas neoliberais para o continente, em 1989.